

Somos calvinistas ou arminianos?

Biblicamente, somos seguidores de Jesus; historicamente, somos protestantes. Mas, e entre os protestantes, o que somos? Calvinistas ou arminianos?

Vamos procurar responder a essa pergunta da forma mais simples possível. Para isso, é necessário começar pelos reformadores do século XVI e, em seguida, citar alguns dos principais teólogos que, ao longo da história, contribuíram para a edificação da Igreja de Cristo e para o combate às heresias. Por fim, apresentaremos nosso posicionamento teológico e indicaremos com quais desses teólogos mais nos identificamos.

A Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero no século XVI, trouxe luz para a Igreja de Cristo, que atravessava um longo período de trevas espirituais nos séculos anteriores. Além de Lutero, Deus levantou outros reformadores que desempenharam um papel fundamental em seus países, como Ulrico Zuínglio e Henrique Bullinger, na Suíça; João Calvino e Teodoro de Beza, em Genebra; Martinho Bucer, em Estrasburgo; Filipe Melâncton, na Alemanha; Tomás Cranmer e William Tyndale, na Inglaterra; João Knox, na Escócia; Pedro Mártir Vermigli, na Itália; e João Ecolampádio, em Basileia.

Embora esse não seja o nosso foco aqui, faz-se necessário dizer que reconhecemos que esses homens foram usados por Deus para beneficiar a Igreja de Cristo, mas não consideramos nenhum deles infalível ou inerrante. Muito pelo contrário: a história nos mostra que muitos deles cometeram erros graves e tiveram atitudes, em alguns momentos, bastante questionáveis.

CALVINISMO

Dentre os reformadores, João Calvino (1509–1564) foi um dos teólogos mais influentes da época. Ele escreveu diversas obras, entre elas: *As Institutas da Religião Cristã*, comentários bíblicos, sermões, cartas e tratados teológicos.

Entretanto, os cinco pontos do calvinismo foram formulados mais de cinquenta anos após a morte de Calvino. Eles foram definidos no Sínodo de Dort (1618–1619) como resposta à *Remonstrância*, documento apresentado pelos seguidores de Jacó Armínio ao governo dos Países Baixos, em 1610.

ARMINIANISMO

Jacó Armínio (1560–1609) foi um teólogo e pastor holandês, conhecido por questionar alguns pontos da doutrina da predestinação ensinada pelos calvinistas de sua época. Ele escreveu diversas obras, entre elas: *Declaração de Sentimentos*, comentários bíblicos, disputas teológicas, cartas e tratados sobre predestinação, graça e livre-arbítrio.

Ao contrário do que muitos pensam, Armínio nunca escreveu as "Cinco Teses do Arminianismo". Elas foram elaboradas por seus seguidores após sua morte, como um resumo de suas posições teológicas. Em 1610, eles apresentaram ao governo dos Países Baixos um documento chamado *Remonstrância*, assinado por 46 pastores e líderes, sob a liderança de Johannes Uytenbogaert, com o objetivo de solicitar que a Igreja Reformada reavaliasse alguns pontos da doutrina da predestinação.

NOSSA ANÁLISE

Faremos uma breve apresentação dos cinco pontos do arminianismo e dos cinco pontos do calvinismo, lembrando que esse debate teológico diz respeito à soteriologia, isto é, à doutrina da salvação.

A seguir, apresentamos uma tabela comparativa entre as duas vertentes, bem como o nosso posicionamento em relação a cada um dos cinco pontos. Além dos versículos habitualmente utilizados por ambos os lados desse debate, acrescentaremos outras passagens bíblicas que consideramos relevantes para complementar a análise.

ARMINIANISMO	CALVINISMO
1. Depravação Total + Graça Preveniente O homem está espiritualmente morto, e Deus concede graça preveniente a todos, capacitando-os a responder ao chamado do Evangelho, mas nem todos respondem (<i>João 1:9; João 12:32; Tito 2:11; Romanos 3:10-23; Efésios 2:1-5; Atos 7:51</i>).	1. Depravação Total O homem está espiritualmente morto em seus pecados e incapaz de voltar-se para Deus sem a ação regeneradora do Espírito Santo (<i>Romanos 3:10-12; Efésios 2:1-5; João 6:44; I Coríntios 2:14</i>).
NOSSA OPINIÃO: O homem está espiritualmente morto por causa do pecado e necessita da ação do Espírito Santo para ser regenerado. A eleição de Deus está relacionada à Sua onisciência e à Sua presciência. Contudo, a forma como Ele opera a eleição e a salvação permanece oculta para nós, seres humanos que vivemos no plano temporal. Sabemos, porém, de uma coisa com certeza: Deus é perfeitamente justo para com todos. No Dia do Juízo, nenhum condenado poderá acusá-Lo de injustiça ou afirmar que não lhe foi dada a oportunidade de se arrepender, assim como nenhum salvo poderá considerar-se merecedor da salvação (<i>Deuteronômio 29:29; Isaías 55:8-9; Romanos 11:33-34; II Pedro 1:10</i>).	
2. Eleição Condicional Deus elege para a salvação aqueles que Ele, em Sua presciência, sabe que crerão em Cristo (<i>Romanos 8:29; I Pedro 1:1-2; João 3:16; I Timóteo 2:3-4</i>).	2. Eleição Incondicional Antes da fundação do mundo, Deus escolheu soberanamente aqueles que seriam salvos, não com base em méritos ou fé prevista (<i>Efésios 1:4-5; Romanos 9:11-16; João 15:16; Atos 13:48</i>).
NOSSA OPINIÃO: Ambas as vertentes procuram defender verdades bíblicas, ainda que sob perspectivas diferentes. Nós, porém, preferimos nos ater ao que as Escrituras revelam de forma clara: Cristo morreu para oferecer salvação a todos, mas somente os que creem Nele são salvos. Entendemos que um excesso de ênfase nos decretos eternos de Deus pode desviar o foco da missão da Igreja, que consiste em	

anunciar o Evangelho a toda criatura. Por isso, preferimos enfatizar aquilo que as Escrituras revelam de forma clara: Deus chama todos os homens ao arrependimento e ordena que o Evangelho seja pregado a toda criatura. E ponto (<i>Deuteronômio 7:6-8; Isaías 55:6-7; Ezequiel 18:23,32; Mateus 28:19-20; Marcos 16:15; Lucas 24:46-47; João 3:16; Efésios 1:11; II Timóteo 1:9; II Pedro 3:9</i>).	
3. Expição Ilimitada Cristo morreu por toda a humanidade, embora apenas os que creem recebam os benefícios da salvação (<i>João 3:16; 1 João 2:2; I Timóteo 2:5-6; 2 Pedro 3:9</i>).	3. Expição Particular (Redenção Limitada) Cristo morreu eficazmente pelos eleitos, garantindo a salvação daqueles que o Pai lhe deu (<i>João 10:11, 14-15; João 17:9; Mateus 1:21; Efésios 5:25</i>).
NOSSA OPINIÃO: O Evangelho deve ser anunciado, e a graça de Deus é oferecida a todos. Aqueles que rejeitam a Mensagem permanecem em seus pecados. Igualmente, é verdade que o Espírito Santo é quem opera em nós tanto o querer como o realizar, assim como também é verdade que, àquele que bate, a porta se abre. Entendemos que esse debate teria muito menos destaque se os cristãos estivessem mais preocupados em pregar o arrependimento e o Evangelho do que em tentar esquadrihar os pensamentos de Deus (<i>Isaías 55:6-7; Isaías 63:10; Mateus 7:7-8; Filipenses 2:13; I Tessalonicenses 5:19; Apocalipse 3:20</i>).	
4. Graça Resistível O ser humano pode resistir à ação da graça de Deus e rejeitar o chamado do Evangelho (<i>Mateus 23:37; Atos 7:51; Hebreus 10:29; Provérbios 1:24-25</i>).	4. Graça Irresistível Quando Deus chama eficazmente os Seus eleitos, eles certamente responderão com fé e arrependimento (<i>João 6:37, 44; Romanos 8:30; Ezequiel 36:26-27; Atos 16:14</i>).
NOSSA OPINIÃO: Do ponto de vista de Deus, que é eterno e sobre quem Salomão escreveu: "O que é já foi, e o que há de ser também já foi" (<i>Eclesiastes 3:15</i>), o chamado de Deus é irresistível. Do ponto de vista humano, porém, que não pode contemplar a atuação do Espírito Santo, o chamado pode ser resistido. Entendemos que esse debate poderia encerrar-se nesse ponto, pois cada perspectiva contempla a mesma realidade sob um ângulo diferente (<i>Eclesiastes 3:15; Isaías 65:2; Lucas 7:30; João 6:37,44; Efésios 2:8-10</i>).	
5. Possibilidade de Apostasia O crente pode abandonar deliberadamente a fé e perder a salvação - posição adotada pela maioria dos arminianos posteriores (<i>Hebreus 6:4-6; 10:26-29; Pedro 2:20-22; Gálatas 5:4</i>).	5. Perseverança dos Santos Os verdadeiros salvos perseverarão até o fim, pois Deus os preserva pela Sua graça (<i>João 10:27-29; Filipenses 1:6; Romanos 8:38-39; 1 Pedro 1:3-5</i>).

NOSSA OPINIÃO:

A salvação começa na justificação, quando Deus nos declara justos por meio da fé em Cristo; prossegue na santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor; e culmina na glorificação, ao final desta vida. Na parábola do semeador, Jesus apresenta quatro grupos de pessoas que respondem de maneiras diferentes à Palavra de Deus:

1. Ouvem, mas não compreendem.
2. Recebem a Palavra, mas não criam raiz.
3. Recebem a Palavra, mas são sufocadas pelos cuidados e prazeres deste mundo.
4. Ouvem, compreendem, perseveram e produzem frutos.

O posicionamento calvinista considera apenas o quarto grupo como salvo e, assim como nos demais pontos desse debate, sua ênfase está na perspectiva de Deus, que é eterno e atemporal. A Bíblia, porém, também apresenta a perspectiva humana, pois foi inspirada pelo Espírito Santo para nós, que vivemos no tempo. Na parábola do semeador, Jesus revela quatro tipos de pessoas, mas nós não sabemos quem elas são, pois não conhecemos os corações. Por essa razão, entendemos que os grupos dois e três podem estar incluídos entre aqueles que receberam de Deus a fé, mas que, em algum momento, a perderam. Afinal, apostasia é o abandono da fé; e como poderia alguém abandonar algo que nunca teve? De igual modo, somente os glorificados saberão, com absoluta certeza, que fizeram parte do quarto grupo. Enquanto estivermos nesta vida, ninguém pode afirmar isso a respeito de si mesmo ou de qualquer outra pessoa, pois somente Deus conhece os corações e o fim de todas as coisas (*Mateus 13:3-23; Romanos 5:9-10; 13:11; I Coríntios 10:12; II Coríntios 13:5; Colossenses 1:22-23; I Timóteo 1:19; 4:1; Hebreus 3:14; Apocalipse 3:11*).

Esse debate pode ser saudável, desde que haja empatia, respeito mútuo e fidelidade ao Evangelho de Jesus. A história de alguns heróis da fé demonstra isso. Um exemplo é a amizade entre o calvinista George Whitefield e o arminiano John Wesley.

Para nós, a Bíblia é a única regra de fé e prática cristã: inerrante, infalível e irrefutável. Portanto, entendemos que não precisamos concordar integralmente com o posicionamento teológico A ou B, desde que isso não comprometa nenhuma verdade essencial do Evangelho.

Em outras palavras, esta é a nossa opinião: entre o calvinismo e o arminianismo, temos a liberdade de ouvir atentamente as diferentes posições teológicas e reter aquilo que, à luz das Escrituras e segundo a medida da fé que o Espírito Santo nos concede, entendemos estar em maior conformidade com a Palavra de Deus. Como está escrito em I Tessalonicenses 5:21: “Examinem todas as coisas; retenham o que é bom”.

O PERIGO DOS EXTREMOS

A Bíblia nos apresenta um Deus soberano, acima do tempo e da história. Ele nos dotou de raciocínio e responsabilidades, mas ocultou de nós o futuro. Portanto, tudo o que sabemos sobre a eternidade é apenas um vislumbre.

O próprio Deus, em Sua soberania, nos atribuiu responsabilidades e nos deu a Sua Palavra escrita, para que pudéssemos conhecer a Sua vontade e obedecê-Lo. A soberania de Deus e a responsabilidade humana não podem ser separadas, pois essa ruptura pode levar nosso entendimento a dois extremos perigosos. De um lado, a salvação pelas obras; de outro, o fatalismo, que alimenta a ideia de que Deus seria justo com uns e injusto com outros, chegando ao absurdo de insinuar que Ele seja o autor do pecado.

De modo geral, consideramos o calvinismo e o arminianismo como duas perspectivas distintas acerca da soteriologia: uma enfatiza a soberania de Deus, e a outra, a responsabilidade humana. É legítimo identificar-se mais com uma dessas perspectivas, desde que haja equilíbrio teológico, pois tanto o fatalismo quanto a salvação pelas obras são heresias combatidas ao longo da história da Igreja.

UNIDADE NO ESSENCIAL

É necessário destacar que calvinismo e arminianismo não fazem parte das doutrinas essenciais da fé cristã, cuja verdade é afirmada de forma clara pelas Escrituras. Todos os verdadeiros cristãos, sejam calvinistas ou arminianos, concordam com as doutrinas essenciais da fé. As divergências entre esses dois sistemas dizem respeito à compreensão de aspectos da soteriologia, e não aos fundamentos do Evangelho.

A seguir, apresentamos algumas das principais doutrinas essenciais da fé cristã, que constituem o núcleo do Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo:

- a autoridade, a inspiração e a suficiência das Escrituras Sagradas;
- a Trindade (um só Deus em três Pessoas distintas – Pai, Filho e Espírito Santo);
- a plena divindade e humanidade de Jesus Cristo;
- a morte expiatória e a ressurreição corporal de Jesus Cristo;
- a salvação exclusivamente pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo;
- a necessidade da graça de Deus para a salvação, sem qualquer mérito humano;
- a segunda vinda de Jesus Cristo; e a ressurreição dos mortos e o juízo final.

ALGUNS NOMES CONHECIDOS

Citamos, a seguir, alguns teólogos e pastores conhecidos, os quais respeitamos, e seus diferentes posicionamentos nesse debate. Do lado calvinista, podemos mencionar: John Owen, John Bunyan, Jonathan Edwards, George Whitefield, Charles Spurgeon, R. C. Sproul, John MacArthur, John Piper e Paul Washer. Do lado arminiano, podemos citar: John Wesley, Adam Clarke, Richard Watson e John Miley.

Para aqueles que afirmam ser impossível não escolher um dos dois lados, citamos alguns nomes que, em maior ou menor medida, procuraram não se identificar integralmente com nenhum desses sistemas ou demonstraram independência em relação a eles: Andrew Murray, C. S. Lewis, Duncan Campbell, A. W. Tozer, Leonard Ravenhill e, entre os pastores brasileiros da atualidade, o pastor Luiz Sayão.

CONCLUSÃO

Somos evangélicos porque não somos católicos romanos, e reformados porque concordamos com as Cinco Solas da Reforma. Entretanto, na soteriologia, humildemente optamos pela neutralidade, não porque estejamos evitando o debate, mas porque desejamos preservar as tensões bíblicas entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana.

Não nos declaramos nem calvinistas nem arminianos, porque não concordamos integralmente com todos os pontos de um sistema teológico específico. Ainda assim, respeitamos e amamos nossos irmãos que adotam uma dessas posições. Entendemos que calvinistas e arminianos podem, sim, conviver em unidade, desde que haja equilíbrio teológico, respeito mútuo e fidelidade à Palavra de Deus, para que não haja tropeço para o evangelismo nem escândalo entre aqueles que ainda não conhecem a Cristo.